

Da compreensão à produção de incongruências por uma criança pequena: dados de humor

From understanding to the production of incongruities by a young child: humor data



GOUVÊA, Caroline P.*

<https://orcid.org/0000-0001-9953-1992>

DEL RÉ, Alessandra**

<https://orcid.org/0000-0002-6740-9631>

VIEIRA, Alessandra Jacqueline***

<https://orcid.org/0000-0002-3216-6107>

RESUMO: Este artigo tem por objetivo analisar o processo de compreensão e de produção das incongruências que vão produzir um efeito humorístico no discurso de uma criança (S.), a partir de dados selecionados de 3;2 a 4;1 anos. Essa incongruência pode ser entendida enquanto uma ruptura, algo estranho e inesperado, que causa uma quebra no encadeamento discursivo (KINTSCH; VAN DIJK, 1978; ATTARDO, 1994; 2008) e, com ela, desencadeiam-se situações humorísticas que serão compartilhadas pelos interlocutores. A partir de uma abordagem dialógico-discursiva (DEL RÉ et al, 2014 a e b), considerando a alteridade, a convivência entre os interlocutores, a dialogia, a cultura (micro e macro), os contextos discursivos etc., foi possível observar que, por meio do diálogo com o outro e das interações empreendidas, S. pôde compreender a função e o funcionamento desse fenômeno (ruptura) como parte integrante do humor, incorporando-o em seus enunciados, em diferentes situações discursivas. Os dados de S. pertencem ao banco de dados do grupo NALingua (CNPq) e foram filmados em ambiente familiar, em situações cotidianas (refeições, brincadeiras etc.), em momentos de interação entre a criança e seus familiares. Os exemplos trazidos e as análises realizadas revelam que a incongruência encontrada nos enunciados humorísticos das situações em que S. participa tem algumas especificidades e desempenha um papel importante nesse processo de entrada da criança no humor linguageiro e que o humor, de um modo geral, está presente desde muito cedo na linguagem, contribuindo para que se possa observar, a partir de um outro ponto de vista – o infantil –, de que forma se constrói essa importante manifestação cultural, enquanto locus de crítica e de divergência, por meio do cômico.

PALAVRAS-CHAVE: Humor; Incongruência; Criança; Aquisição da Linguagem.

ABSTRACT: This article aims to analyze the process of understanding and production of incongruities that produces a humorous effect on the speech of a child (S.), from 3;2 to 4;1 years of age. This incongruity can be understood as a rupture, something strange and unexpected, which causes a break in the discourse chain (KINTSCH; VAN DIJK, 1978; ATTARDO, 1994; 2008), and, with it, humorous situations that are shared by the interlocutors are initiated. From a dialogical-discursive approach (DEL RÉ et al., 2014 a and b), considering the otherness, the connivance among the interlocutors, the dialog, the culture (micro and macro), the discursive contexts, etc., it was possible to notice that, through the dialogue with the other and the interactions undertaken, S. was able to understand, little by little, the function and the functioning of this phenomenon (rupture) as an integral part of humor, incorporating it in her statements in different discursive situations. S.'s data belong to the database of NALingua group (CNPq) and they were recorded in a familiar environment, in everyday situations (meals, games, etc.), during moments of interaction among the child and her relatives. The examples brought up and the analyzes performed reveal that the incongruity found in the humorous statements of the situations in which S. participates has some specificities and performs an important role in the process of the child's entry into humorous language. That humor in general is present since very early in the language, contributing to the observation, from another point of view – the infantile one – of how this important cultural manifestation is constructed, as a locus of criticism and divergence, through the comic.

KEYWORDS: Humor; Incongruity; Child; Language Acquisition.

*Recebido em: 22/08/2020
Aprovado em: 01/12/2020*

*Graduada em Letras pela Unesp, Araraquara-SP, mestranda do Programa de Pós Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Unesp/Araraquara, Araraquara-SP. Bolsista CAPES. E-mail: caap_gouvea@outlook.com.

**Professora do Departamento de Linguística da UNESP/FCLAR- Araraquara-SP e Programa de Pós Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Unesp/Araraquara-SP. Bolsista Produtividade CNPq. E-mail: del.re@unesp.br.

*** Professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do Instituto de Letras da UFRGS/Porto Alegre-RS e Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras – UFRGS/ Porto Alegre-RS. Bolsa FAURGS. E-mail: alessandra.vieira@ufrgs.br.



Introdução

Há muitas questões acerca do universo da linguagem da criança que vêm sendo estudadas atualmente e que instigam pesquisadores em todo o mundo. Entre elas, está o humor. Diante disso, o objetivo deste artigo, de modo mais amplo, é refletir sobre esse fenômeno discursivo, verificando de que modo ele se apresenta no linguajar das crianças pequenas, como ele funciona discursivamente, qual o papel do outro e da situação discursiva no surgimento de enunciados humorísticos, em termos de compreensão e de produção, contribuindo para que se possa observar, a partir de um outro ponto de vista – o infantil – de que forma se constrói essa importante manifestação cultural, enquanto lócus de crítica e de divergência, por meio do cômico.

Para refletir sobre essas questões, apresenta-se um panorama do humor na linguagem da criança pequena, mostrando que ele está presente desde muito cedo na fala infantil - como é o caso da criança S., que foi analisada dos 3;2 aos 4;1 anos. Para tanto, daremos um foco na noção de incongruência, um dos ingredientes¹ que compõem o humor infantil (DEL RÉ *et al.* 2015, 2019) e que aparece como um elemento importante para o humor, de um modo geral, nos trabalhos de Kintsch e Van Dijk (1978), Attardo (1994; 2008), entre outros.

Trata-se de verificar se a criança compreende as incongruências produzidas pelos interlocutores que com ela dialogavam e, além disso, se a própria criança produz enunciados incongruentes, buscando fazer o outro rir. A incongruência pode ser identificada quando há uma ruptura no diálogo, ou seja, uma distância entre o que é dito e o que é feito e o que isso significa em função do contexto, da situação, entre outros elementos, podendo gerar um efeito humorístico (BERGER, 1992, p. 03). De acordo com Morreall (1982), nem sempre essas rupturas vão ter como resultado o humor, podendo desencadear, ao contrário, emoções negativas como o medo, a raiva. Diante disso, parece-nos importante investigar quais incongruências resultaram em situações humorísticas (uma reação de prazer pelo riso), e que foram compartilhadas pela criança e pelo interlocutor, gerando o que consideramos um humor compartilhado (DEL RÉ *et al.*, 2015; 2019).

Para a realização da pesquisa cujos resultados são aqui apresentados, parte-se da teoria dialógico-discursiva, de base bakhtiniana (1992, 1997), que considera a língua a partir das relações empreendidas, com o foco nos movimentos discursivos e encadeamento de enunciados (FRANÇOIS, 1994; SALAZAR-ORVIG, 1999; DEL RÉ *et al.*,

¹ Os demais ingredientes, bem como a própria incongruência, serão explicitados no item “A linguagem da criança e o humor”.

2014a, 2014b). Desse modo, há elementos fundamentais que são considerados nessa teoria, tais como o dialogismo, o presumido, a convivência, a alteridade, a interação, a cultura (micro e macro), conceitos que serão melhor explicitados no próximo item.

Vale ressaltar que este artigo é resultado de uma pesquisa realizada entre 2018 e 2020 (GOUVÊA, 2019) e (GOUVÊA, 2020), e uma outra que está em andamento², e está inserida em um projeto mais amplo sobre o humor na linguagem da criança, que é composto por um estudo de dados de crianças brasileiras, com financiamento do CNPq, além de um trabalho cooperativo feito entre o grupo NALingua (CNPq) e o grupo COLAJE (França), que estudam dados de crianças francesas e brasileiras (DEL RÉ; MORGENSTERN, 2010; DEL RÉ *et al.*, 2019).

Na literatura sobre o humor na criança ainda é escasso o número de trabalhos em aquisição da linguagem. Diante desse fato e defendendo a hipótese de uma aparição precoce do humor na fala das crianças, parte-se dos resultados das últimas pesquisas feitas pelo grupo, em colaboração com outros pesquisadores (DEL RÉ *et al.*, 2015; MCROZINSKI; DEL RÉ, A.; VIEIRA, 2019; VIEIRA, A. J.; DEL RÉ, 2019; DEL RÉ *et al.*, 2019).

O presente trabalho pretende, assim, contribuir com essas pesquisas, verificando se a criança (S., entre 3;2 e 4;1 anos) é capaz de compreender as incongruências produzidas pelos interlocutores que com ela dialogavam e se ela própria produz esses enunciados cujo efeito é o humor no discurso. Trata-se, pois, de novos dados, além de um foco específico para a incongruência partilhada com a criança.

Para tanto, vários elementos multimodais, além da própria fala, foram levados em consideração ao longo das análises, como o olhar, os gestos, o riso, o sorriso, as expressões faciais etc., pois esses elementos fornecem indícios sobre a compreensão e a produção dessas incongruências pela criança. Em muitos episódios aqui analisados, a criança olha mais fixamente para o outro, sorri ao escutar uma incongruência no discurso ou produz uma ruptura, ocupando um lugar enunciativo, um papel ativo, fornecendo ao outro indícios de sua compreensão da situação enunciativa, dando continuidade à comunicação.

O humor faz parte do universo dos seres humanos e cada família, que é um microuniverso/microcultura, faz uso dele de maneiras distintas, de acordo com a macrocultura em que ela se insere. Portanto, a entrada da criança nesse universo do humor está intimamente ligada à relação que sua família possui com o humor e com as

² Trata-se dos relatórios de Iniciação Científica (IC), cujas pesquisas foram realizadas na Universidade Estadual Paulista, UNESP, campus Araraquara, entre os anos de 2018 e 2020, e de uma pesquisa de mestrado em andamento, sobre o mesmo tema.

interações sociais das quais essa criança participa (DEL RÉ *et al.*, 2015). Enfatiza-se, assim, o papel das relações dialógicas, uma vez que, ao interagir socialmente com o outro, a criança tem contato com outros discursos, como os de humor, e responde a esses discursos, utilizando-os em outros contextos discursivos.

No caso da criança analisada, pode-se dizer que ela advém de uma família cujas interações são plenas de humor e, desde muito cedo, há ocorrência de histórias engraçadas, que produzem incongruências no discurso, rompendo o diálogo e gerando o riso de S.³ e/ou dos interactantes. São algumas dessas cenas que analisaremos neste artigo.

A seguir, serão abordadas as questões teóricas que servem de pano de fundo para essas análises e que ajudam a compor o quadro do humor na linguagem da criança.

Fundamentação teórica

O olhar dialógico-discursivo nos estudos em Aquisição da Linguagem

Dentre as diferentes teorias que tratam da aquisição da linguagem pela criança, abordaremos a dialógica-discursiva (BAKHTIN, 1997; BAKHTIN; VOLOSHINOV, 1992), que dialoga com as propostas de Vygotsky (2007; 2008) e de Bruner (1991; 2004). Os trabalhos do Círculo de Bakhtin nos ajudam a olhar para o vínculo muito forte existente entre indivíduo e sociedade e observar que é nessas relações sociais que o indivíduo deve ser configurado. Além disso, o discurso é visto sempre no âmbito social e a língua é concebida como um fenômeno socioideológico, já que tem base na interação verbal. Ao produzirmos enunciados, eles não são inéditos, mas, sim, advém de outros discursos, que ouvimos e reestruturamos em outras situações discursivas e em outras esferas de atividade.

Essa ideia dialoga com as noções da teoria de Vygotsky, que fornece subsídios para os estudos sobre a Aquisição da Linguagem de abordagem interacionista. O psicólogo considerava a interação entre a criança e as pessoas ao seu redor essencial para o aprendizado/aquisição, portanto, o adulto é o mediador entre a criança e o mundo e tem um papel fundamental nas atividades as quais elas necessitam de ajuda para realizar (chamada de Zona de desenvolvimento proximal ou ZPD). Por essa razão o outro/adulto aqui tem um papel tão importante, seja ele o pai, a mãe, a babá, os avós etc.

Da mesma forma, Bruner (1991), partindo das ideias de Vygotsky, retoma a noção do papel do outro para o desenvolvimento da linguagem da criança, discutindo sobre a

³ Para este artigo, por questões éticas, nomearemos a criança estudada por S. (inicial do nome da criança). Para melhor compreensão da legenda de transcrição utilizada neste trabalho, ver nota 3.

importância da tutela do adulto, em especial a mãe, no processo. Para o autor, é por meio da interação com o outro que a criança vai adquirindo a linguagem e dominando as estruturas linguísticas. Para além dessas questões, Bruner enfatiza a importância dos jogos e das brincadeiras para o desenvolvimento da linguagem da criança (BRUNER, 1991; 2004), pontuando que o lúdico, o faz-de-conta, a alternância de papéis sociais são elementos fundamentais para o desenvolvimento linguageiro.

A alteridade, nessas teorias, assim como na perspectiva bakhtiniana, assume papel fundamental para a comunicação efetiva, porém, ressalta-se o papel ativo de cada indivíduo na compreensão e produção dos enunciados produzidos. É na interação com o outro que a criança se desenvolve e aprende tudo aquilo que, algum tempo depois, conseguirá realizar sozinha.

Levando em consideração a heterogeneidade da língua, é nas relações sócio discursivas empreendidas pela criança ao longo de sua existência que ela vai se constituindo enquanto sujeito (na e pela linguagem). Para Bakhtin (1997), nossos discursos são sempre permeados por outros discursos, sendo dialógicos por excelência. O dialogismo, conceito central dentro da perspectiva aqui adotada, considera a relação existente entre enunciados - uma vez que “[...] cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados” (BAKHTIN, 1997, p. 291) - e entre enunciadorees - uma vez que todo enunciado é dirigido a alguém, tem um destinatário, sendo uma particularidade constitutiva do enunciado (BAKHTIN, 1997, p.301), relação essencial existente nas produções de enunciados humorísticos.

Todos esses conceitos são fundamentais para a pesquisa aqui proposta e serão retomados ao longo de nossas análises.

A linguagem da criança e o humor

Considerando-se a dificuldade em se definir o humor e, ao mesmo tempo, que não é possível olhar para a linguagem da criança comparando-a à do adulto, como se algo nela faltasse, é necessário buscar aquilo que nos ajude a entender o funcionamento desse fenômeno discursivo na linguagem da criança. Por essa razão, aqui, entende-se que o funcionamento desse humor está relacionado ao que é engraçado, àquilo do que se ri.

O verdadeiro sentido do humor está na relação com o outro e nas diferentes situações em que ele circula, uma vez que está atrelado à cultura e à sociedade. Embora não necessariamente se ria das mesmas coisas no Brasil e em outras partes do mundo, no que se refere ao humor infantil, aquilo que é engraçado está muito ligado ao

que se ri, inicialmente, no seio da família e em situações que são compartilhadas com a criança, situações que ela pode entender e participar (DEL RÉ *et. al*, 2015).

Sabe-se que o humor pode produzir reações no outro, como o riso, o sorriso, o divertimento (DEL RÉ, 2011) e pode ser usado como estratégias individual e social, a partir do uso de paradigmas ideológicos existentes em cada sociedade. Ele pode ser usado, por exemplo, para depreciação do outro, desmoralização, fuga ao tema debatido no discurso, preconceito de diversos tipos, crítica social e política etc. Esses paradigmas são construídos socialmente, a partir de enunciados dialógicos que circulam nessas comunidades e nas diferentes esferas de atividade, e é no meio familiar que essa construção se inicia.

Focalizando o olhar para os trabalhos existentes que abordam o humor na criança, observamos que a maioria não pertence à linguística ou à aquisição da linguagem: são voltados para as perspectivas de base psicanalítica, como Freud (1905), ou de base psicológica, como Aimard, Ruffiot(1988), Bariaud (1983), Feuerhahn (1993), Garitte (2005), Carrausse e Carrausse (2009), Mireault e Reddy (2016). Na aquisição da linguagem, o trabalho que nos serviu como ponto de partida foi o de Figueira (2001). Nele, a autora relata que, de acordo com as suas análises, a partir dos 2 anos a criança não parece ter intenção de fazer o outro rir, o que a leva à distinção do humor com (dado humorístico) ou sem intencionalidade (dado anedótico).

Um tópico que une esses trabalhos é a aparição precoce do humor na criança. No entanto, cada um deles possui um ponto de vista diferente em relação à faixa etária na qual o humor aparece na linguagem da criança: para Aimard, Ruffiot (1988) e Carrausse (2009), a criança de 3 meses já está no caminho do humor; para Garitte (2005), o humor escatológico se faz presente no discurso da criança entre 2 e 3 anos de idade; já Bariaud (1983), ao tratar da gênese do humor na criança, postula que antes dos 4 anos a criança não é capaz de explicar, colocando em palavras, o sentimento do que é engraçado e, portanto, só vai debruçar-se sobre o humor a partir dos 7 anos de idade (DEL RÉ, 2011). Já algumas pesquisas mais recentes em psicolinguística (MIREAULT; REDDY, 2016) afirmam que o humor acontece desde o primeiro ano de vida da criança.

Dando importância a certas questões, como a intencionalidade, proposta por Figueira (2001), e a hipótese do aparecimento precoce do humor dos demais trabalhos – com exceção do trabalho de Mireault e Reddy que foi publicado posteriormente – propusemos uma tipologia de diferentes tipos de humor produzidos por crianças entre 4 e 6 anos e constatamos diferentes produções humorísticas nessas crianças, desde os 4 anos de idade, bem como a relevância de alguns fatores dos quais essas produções dependiam, dentre eles, o contexto e o saber partilhado/conivência (SALAZAR-ORVIG,

2003, DEL RÉ, 2011; DEL RÉ, 2002). A partir dessa constatação, foi realizada uma pesquisa com crianças brasileiras e francesas (DEL RÉ; MORGENSTERN, 2010), analisadas a partir dos 11 meses de idade, por meio de gravações feitas periodicamente (dados do grupo COLAJE e do grupo NALingua), que relatou que é possível encontrar a emergência desse humor precoce, por meio do divertimento partilhado, desde que a criança começa a falar.

Assim como nesses últimos trabalhos, continuou-se a investigar a precocidade do aparecimento do humor, olhando para dados de crianças menores. Verificou-se que esse humor acontece quando há a presença de diversos elementos que são indispensáveis, como a) a ruptura no discurso/incongruência; b) o recuo utilizado pelos interactantes para a compreensão e para produção de enunciados humorísticos, identificada por índices multimodais (olhar, gestos etc.); c) a intencionalidade, que pode ser observada pelo contexto e/ou também a partir de elementos multimodais utilizados, como o olhar, o gesto, expressão facial, movimento corporal etc.; e d) o saber partilhado, que envolve o conhecimento dos interlocutores sobre o tema da situação discursiva, que pode influenciar, por exemplo, no tipo de humor ou na compreensão do humor pelo outro. Este saber caracteriza a convivência (SALAZAR, 2003) entre interlocutores/papel do outro, a cumplicidade, a atmosfera que envolve o contexto, e vê-se nessa relação o outro dando acabamento ao enunciado e fazendo emergir os enunciados humorísticos (DEL RÉ *et al.*, 2015 e 2019).

A incongruência, como um desses elementos presentes no humor, vem sendo objeto de estudo de pesquisas sobre o tema e, na linguagem da criança, tal ingrediente parece-nos fundamental para a ocorrência desse fenômeno discursivo. Para Bariaud (1983), a incongruência é uma inversão na ordem habitual das palavras ou das coisas, sendo algo inesperado no diálogo. Ela está ligada a algo estranho ou inesperado, que ocorre quando há uma quebra no encadeamento discursivo (ATTARDO, 2008) e acontece quando há uma grande distância entre o que é dito e o que é feito. Dessa forma, surgem lacunas entre as expectativas da criança e as de quem com ela interage, que causam a reação que pode ser vista por meio do riso.

Após essa ruptura inesperada, é preciso que se tenha, por parte dos interlocutores, um recuo, de maneira que eles identifiquem que o percurso normal do discurso foi quebrado. Além disso, é necessário querer partilhar e verbalizar esse querer para o outro interlocutor e verificar se tanto a criança quanto o interlocutor que dialoga com ela compreenderam as mesmas incongruências e partilham seus saberes. Esse passo é essencial para que se tenha como resultado um humor que será compartilhado pelos interlocutores, incluindo a criança. Outro elemento essencial é um ambiente que

permite o humor, a convivência entre os interactantes, possibilitando que a criança se sinta à vontade com determinado interlocutor. São nesses ambientes que o humor tende a aparecer, em forma de incongruências. E são esses elementos inesperados, essas rupturas, que serão analisadas nos dados de S.

Metodologia

Os dados analisados da criança S. fazem parte de um banco de dados do grupo NALingua-CNPq (DEL RÉ et al, 2016). Trata-se de filmagens registradas em situações naturalísticas, do nascimento aos 7 anos da criança, e se encontram em fase de transcrição, com base nas normas CHAT, do programa CLAN, oferecido gratuitamente pela Plataforma CHILDES (MACWHINNEY, 2000), e que podem ser encontradas em uma adaptação feita para o português em Hilário *et al.* (2012)⁴. O trabalho realizado e cujos resultados apresentamos aqui é de cunho qualitativo, considerando que analisa, longitudinalmente, os dados da criança S. dos 3;2 aos 4;1 anos. A opção por essa faixa etária justifica-se considerando a busca por dados de humor em crianças cada vez mais novas (precocidade).

Foram analisadas 10 sessões da criança, gravadas em situações cotidianas. S. é uma criança brasileira, filha única, nascida em abril de 2008. Ela mora com a mãe, em São Paulo, mas, geralmente, os vídeos acontecem na casa da bisavó e do bisavô de S., em refeições que a família partilha. Além do bisavô e da bisavó, também estão presentes os avós de S., o tio, a tia, que também é observadora durante a filmagem, e a mãe de S. Trata-se de uma criança que demonstra compreender as situações, utilizando os enunciados ouvidos em diferentes situações discursivas. Ela demonstra estar sempre muito confortável com seus familiares e esse ambiente favorável ao humor está sempre presente nos vídeos. Tem-se, portanto, um cenário (familiar) propício ao humor, também pelo fato de que seus familiares estão sempre produzindo enunciados humorísticos ou que a levem a produzir uma resposta divertida, que gera o riso.

É importante mencionar que, na parte dos resultados, selecionamos alguns episódios das transcrições dos vídeos analisados e, neles, observamos vários tipos de incongruência que foram encontrados em todo o material analisado. No entanto, devido ao limite de extensão do artigo, traremos apenas alguns exemplos. A análise teve como

⁴ Nas transcrições M corresponde ao enunciado da mãe, O é a inicial de observadora, que filmou a criança; T, para o tio. Há algumas linhas que descrevem a ação dos interlocutores, ações que são cruciais para se compreender os enunciados. Tais linhas são descritas por %act de action, que significa ação em inglês. Além disso, há alguns símbolos que são importantes, como “#” que significa pausa na fala e [=! risos] que indica a risada do interlocutor no começo, meio ou final da fala. Neste artigo foram alguns exemplos de trechos retirados dos vídeos analisados. Os caracteres xxx significam que não foi possível compreender e # significa que houve pausa curta no diálogo.

foco a compreensão e a produção dos enunciados humorísticos por parte de S. A partir de uma abordagem dialógico-discursiva, buscou-se verificar os movimentos discursivos feitos pela criança para chegar à compreensão das incongruências produzidas pelos interlocutores e os movimentos realizados pela criança para produzir incongruências que geram o riso nos interlocutores. Postulando-se, como dissemos anteriormente, que o humor seja tudo aquilo de que se ri, podendo ser uma brincadeira, um jogo de linguagem, entre tantos outros exemplos, buscou-se, durante a análise dos vídeos, marcas de divertimento como o riso ou o sorriso, que foram os pontos de partida para se identificar as rupturas que geraram humor (e não as de outra natureza).

Observou-se, a partir disso, como surgiu determinada incongruência, quem a produziu e se ela foi a mesma para ambos interlocutores, ou seja, se tanto a criança quanto o adulto que com ela interagia riram do mesmo enunciado. Ademais, foi observado qual interlocutor produziu o enunciado humorístico, se foi a criança ou o adulto, e se a criança compreendeu a incongruência instaurada naquele enunciado humorístico, observando os elementos multimodais utilizados pela criança, como o olhar, o riso, o sorriso, os gestos etc.

Deve-se considerar o fato de, em alguns casos, a incongruência se mostrar mais importante que o riso, de ela não encontrar eco na resposta do interlocutor, por vários motivos: seja porque ele não quis rir, ou porque não estava prestando atenção naquele momento, ou até mesmo porque escolheu não rir naquela situação, seja para repreender a criança por algum motivo ou para ensiná-la. Nessas situações, a ruptura não vai gerar o humor compartilhado.

Nota-se, então, uma divisão importante que é relevante para as análises: há incongruências que

- a) não causam riso;
- b) causam o riso nos adultos, mas não na criança;
- c) causam o riso na criança, mas não nos adultos;
- d) causam o riso na criança e em algum interlocutor/adulto, mas não em todos;
- e) geram o humor compartilhado por todos os interlocutores presentes.

Em função dos objetivos propostos para este artigo, nosso foco recairá sobre os dois últimos grupos. E é observando-os que chegamos aos diferentes tipos de incongruências nos dados de S. que apresentaremos a seguir.

Análise e alguns resultados

- 1) Deslocamento do mundo real para o imaginário.

Neste exemplo, S. (3;2) está no quarto com a observadora e a sua mãe, brincando com uma boneca:

1. *M: vai levar ?
2. *S: é # ela vai morder sua mão !
3. *O: a:::i meu deus [=! risos] !
4. *S: me dá [=! risos] !
5. %act: S pega a mão da observadora e finge que o brinquedo está mordendo a mão da mesma
6. *O: ai ai ai # ai ai # ai [=! risos] .
7. *S: O [=! risos] .

Duas rupturas aconteceram nesse diálogo: a primeira ocorreu quando a criança disse que o brinquedo iria morder a mão da observadora, que é algo inesperado, ou seja, S. produz uma incongruência. A ruptura para a criança está no fato de um objeto/inanimado não poder morder, mas se trata de um faz de conta. Aqui, observamos que também acontece um recuo de quem dialoga com a criança, que ri durante essa interação. A ruptura é a mesma para ambos interlocutores, já que eles riem da mesma coisa e partilham o saber. Nesse caso, a criança iniciou a produção do enunciado humorístico. É possível dizer que S. teve intenção em fazer a observadora rir com aquela brincadeira, através da sua expressão facial ao produzir o enunciado, sempre atenta à maneira como a observadora reagia, continuando a brincadeira pegando a mão da observadora e rindo. Aqui é possível reconhecer a incongruência produzida pela criança por meio do uso de algum objeto, que, nesse caso, é um brinquedo.

Dando continuidade à situação humorística, a segunda ruptura foi instaurada pela observadora, que disse repetidas vezes a interjeição “ai”, o que fez com que a criança compreendesse a incongruência produzida pela observadora e também risse. Nessa situação, foi o adulto que deu continuidade ao enunciado humorístico produzido pela criança anteriormente, que proferiu, por meio de uma interjeição, e com entonação e ritmo diferentes, uma incongruência, que é compreendida pela criança. Enfatiza-se, nesse episódio, a noção de alteridade, na qual a observadora dá suporte à brincadeira instaurada pela criança no diálogo, entrando no faz-de-conta da criança (BRUNER, 2004; 1991). Esse suporte é fundamental e auxilia a criança na compreensão e na produção dos enunciados em diferentes situações discursivas.

- 2) Uso de aumentativos ou diminutivos.

Há uma cena em que S. (3;5) chama a mãe para brincar; a mãe responde que sim, mas antes ela precisa tirar o sapato. S. diz, então: “sapatão::: [=! risos]”. A observadora também ri, no entanto, a mãe permanece séria, portanto, a incongruência não gera humor compartilhado entre todos os interactantes.

Neste caso, o uso do aumentativo traz um duplo sentido para o termo “sapato”, que não diz respeito apenas ao tamanho dele, mas é também um termo pejorativo utilizado para designar uma mulher homossexual de aspecto masculinizado. A ausência de riso da mãe pode revelar um aspecto da microcultura importante que deve ser aprendido pela criança, o fato de que não se trata de um tema engraçado naquela família, pois, ao fazê-lo, produz-se um discurso preconceituoso, que não é aceito nesse meio familiar. Sobre o riso da criança, não há como afirmar que ele esteja ligado a esse outro significado do termo, mas o importante, aqui, é que a mãe reconheceu essa possibilidade de interpretação por parte da criança e deixou isso claro com o não-riso.

3) Incongruência de ordem dialógica.

Neste exemplo, S. (3;5) estava brincando de massinha e começou a colocar o dedo na boca. A mãe de S. ficou brava com ela por ter colocado o dedo sujo de massinha na boca e diz:

- 1 *M: S::: # tira da # ah então tá # então você não (es)tá me ouvindo
- 2 né .
- 3 *S: não::: eu não (es)tô(u) # eu (es)tô(u) pondo o dedo .
- 4 *M: então # o dedo (es)tava onde até agora ?
- 5 *S: em / embaixo da água [=! risos] .
- 6 *M: ah tá # embaixo da água .
- 7 *O: O [=! risos] .

Verifica-se que S. faz uso de uma incongruência, mas a mãe não ri. Há, aqui, uma intencionalidade por parte da criança para fazer rir, marcada pelo riso, o olhar e a mudança na expressão facial. Além disso, a criança a utiliza como uma estratégia discursiva para fugir da repreensão da mãe, que, no entanto, não ri - e não pode - do enunciado pronunciado por S., justamente por estar dando uma bronca naquele momento. Aqui, portanto, há um tipo de incongruência produzida com intencionalidade pela criança, mas não partilhada pelo adulto. A ruptura está justamente no fato de termos um eco da voz da mãe na fala da criança (dialógico), um discurso que prega que não se deve colocar a mão suja na boca, que vem da macrocultura para a microcultura, e que a mãe deseja que seja compreendido e incorporado pela criança. A ausência de riso por parte da mãe demonstra a sua reprovação em relação a esse tipo de comportamento

da criança. Mas, apesar de não haver o riso da mãe, a incongruência faz com que S. e a observadora riem, já que há ali um enunciado que não se espera que a criança (re)produza.

4) Comparação.

S. (4;0) está no quarto, brincando de jogar um ursinho de pelúcia para a observadora, mas a criança joga continuamente de modo errado. A observadora, então, diz à criança:

- 1 *O: ai S. # você é uma figura .
- 2 *S: e você é a tia Nastácia [=! risos] .
- 3 *O: O [=! risos] .

A resposta dada por S. provocou uma ruptura no discurso e fez com que ambas rissem, por compartilharem o conhecimento sobre quem era a personagem. S. parece compreender que seu enunciado causou uma incongruência, demonstrando ter tido a intenção de fazer rir ao fazer a comparação, pois, após dizer, fica atenta à reação da observadora (com o olhar). Aqui, há uma retomada do universo da personagem do Sítio do Pica Pau Amarelo, que a criança traz para esse contexto discursivo. Esse enunciado inesperado faz com que a O e S. riem, em uma relação de convivência e continuidade do diálogo. Aqui, a incongruência ocorre a partir da comparação, feita pela criança, entre a observadora e a tia Anastácia.

5) Transgressão de uma regra social, como por exemplo, mostrar uma parte do corpo que deveria estar coberta.

Nesse exemplo, S. (3;3) está brincando com sua boneca Barbie, mostra a boneca sem a parte debaixo da roupa e comenta que ela está muito larga. Na sequência, a criança dirige-se à mãe rindo:

- 1 *M: soltou aí a calcinha dela ?
- 2 *S: não / não ## aqui (es)tá muito / (es)tá muito / (es)tá solto .
- 3 *O: ah:: (es)tá muito largo # né ?
- 4 *S: é .
- 5 *M: ah:: a gente arruma .
- 6 *T: leva no alfaiate [o bisavô de S. é alfaiate].
- 7 *O: O [=! risos] .
- 8 *S: olha o bumbumzinho de fora [=! risos] .
- 9 %act: todos riem
- 10 *M: é sem calcinha ?
- 11 *S: O [=! risos] .

12 *M: ah@i [= ! risos] .

O enunciado produzido por S. (turno 8) fez com que todos rissem, e a criança demonstrou entender a incongruência, porque ela produz o enunciado, ri e fica atenta à reação dos demais. Da mesma maneira que nos outros episódios, é possível afirmar que a criança compreende a incongruência que aqui se instaurou, uma vez que seu olhar para as interlocutoras, juntamente com o riso, estão presentes no momento em que ela enuncia. Temos aqui uma ruptura causada por uma espécie de transgressão, que envolve o fato de a boneca estar pelada, sem calcinha etc. e que é desencadeada pelo enunciado “bumbumzinho”, proferido por S.

Há, aqui, a importância da microcultura, da dialogia e da convivência envolvidas nesse episódio, que permitem à criança realizar esse tipo de enunciado. O bumbum é uma parte do corpo na qual há ênfase durante a primeira infância, especialmente nos momentos do banho, de trocar a fralda, sendo muitas brincadeiras produzidas em torno dessa questão. “Vamos trocar para não mostrar o bumbum”, “fulana(o) irá ver seu bumbum” etc. são enunciados que aparecem nos episódios de S. e que, a partir dessas relações dialógicas, ela os utiliza em outros contextos discursivos, como nas brincadeiras. Esses enunciados das crianças, muitas vezes, causam uma quebra de expectativa da resposta imaginada pelo interlocutor, causando o riso.

Um outro exemplo desse tipo de incongruência ocorre neste episódio, em que S. (3;5) estava brincando com uma massinha de modelar, de cor marrom. Em certo momento, S. levanta-se da cadeira em que estava sentada e um pedaço de massinha fica grudado.

- 1 *S: vamos brincar / vamos brincar?
- 2 *M: (es)pera # fez cocô aqui ?
- 3 *O: oh lá [=! risos] .
- 4 *M: O [=! risos] .
- 5 *S: eu fazi [=! risos] .
- 6 *M: O [=! risos] acho que é cocô .
- 7 *O: (es)tá parecendo cocozão .
- 8 *M: você fez cocô ?
- 9 *S: O [=! risos] vamos brincar Teteia .

S. (3;5) parece compreender as incongruências que se instauram nos enunciados produzidos por seus familiares. A incongruência se instala na frase da mãe, que causa uma ruptura no diálogo com uma frase inesperada, questionando a criança se ela havia

feito cocô na cadeira. A criança ri e confirma, por meio do enunciado 5, entrando na brincadeira que sua mãe propôs. Portanto, a partir do riso da criança, é possível afirmar que S. compreendeu a incongruência produzida pela mãe. Há, portanto, um tipo de ruptura causada por um humor escatológico, provocado pelo adulto, mas muito comum na linguagem de crianças, que ocorre pelo uso de palavras como xixi, cocô, pum, mas também trazido pela cor da massinha que remete ao cocô da criança.

É por meio de exemplos como esse, em que os adultos produzem enunciados humorísticos, que, acreditamos que S. passa a compreender o que é uma incongruência, como criá-la, em que momento dizê-la, e passa a utilizá-la em diferentes situações discursivas. É possível notar a intenção da mãe em provocar o riso na criança, que, ao enunciar, usa a entonação, ri e modifica a sua expressão facial. Também se pode observar que há uma convivência entre os interlocutores, e ela torna o ambiente propício para a produção do humor (entre mãe, criança e observadora). O saber partilhado, mobilizado pela ideia do cocô, como algo escatológico, muito utilizado em outras brincadeiras, e pela cor e espessura da massinha que remetem ao cocô humano, também é um elemento importante, que propicia aos interactantes rirem da situação vivenciada conjuntamente.

Um aspecto interessante desse exemplo é o fato de esse enunciado escatológico ter sido trazido pela mãe, já que, em geral, os pais não riem desses enunciados da criança, justamente como uma forma de mostrar para a criança que não se deve enunciar esses termos em sociedade.

6) Repetição de palavras (jogo, brincadeira); como em um dos exemplos encontrados, em que S. (4;0) está brincando de jogar uma boneca para a observadora, que a joga de volta para S. Em um determinado momento, S. diz “pode”, sinalizando que a observadora poderia jogar a boneca. A observadora repete a palavra “pode”, rindo. Logo em seguida, S. repete novamente a mesma palavra, rindo também. Esse jogo, inesperado, gerou o riso compartilhado por ambas.

7) Incompatibilidade de cenários.

Neste exemplo, S. (3;5) faz um chapéu para o pinguim, com massinha, e o coloca no brinquedo.

- 1 *S: é meio gran:::de # vamos fazer uma touca pequena # eu vou cortar uma
- 2 touca pequenininha pra ele # aí vai caber # olha uma touca
- 3 pequenininha # vai ficar engraçado # deixa eu ver / deixa eu ver se
- 4 ficou engraçado # olha .
- 5 *O: 0 [=! risos] .

- 6 *S: parece um pinguim com chapéu de carboy@c [=! risos] .
7 *O: um chapéu de cowboy@s:i [=! risos] ?
8 *S: sim [=! risos] ou assim oh [=! risos] .

Nesse episódio, S. ri e diz que o brinquedo ficou muito engraçado porque está parecendo um chapéu de *cowboy*. Esse enunciado é inesperado e causa uma ruptura, fazendo ambas rirem com esse comentário. Nota-se, portanto, que a incongruência é a mesma para a criança e para a observadora, pois elas partilham o saber, já que sabem como é um chapéu de *cowboy* e como ficaria engraçado um chapéu desse modelo em um pinguim. S. parece compreender a ruptura que produziu nesse enunciado humorístico, demonstrando intenção em causar o riso na observadora, uma vez que fala o enunciado rindo, estando atenta à sua reação.

Interessante notar como as brincadeiras estão sempre presentes e auxiliam S. na produção desses enunciados humorísticos. Além disso, há um outro, que entra no universo do faz-de-conta da criança e dá continuidade/acabamento ao enunciado da criança. Essa convivência é fundamental e permite à criança compreender e fazer uso do humor em diferentes contextos discursivos.

8) Relação cultural e familiar da criança.

S. (3;3 anos) estava em um cômodo da casa e ouviu sua bisavó (chamada de *nonna*) insistindo para que sua mãe fizesse algo. Diante da insistência da bisavó, S. diz para a observadora:

*S: ela # a *nonna* (es)tá enchendo a minha mãe [S. sorri].

E todos os presentes na cena riem da incongruência instaurada, gerando o humor compartilhado. Neste episódio, verifica-se que há alguns presumidos e retomadas de discursos relacionados à microcultura familiar, como, por exemplo, as brincadeiras em família que o bisavô sempre faz com S. e a retomada de enunciados utilizados nas brincadeiras da família desde que S. era pequena, os pedidos para não incomodá-la sempre que o bisavô queria provocá-la. Além disso, há uma relação de convivência fundamental entre os interactantes, que dá suporte à criança para que ela retome esses discursos utilizados entre os familiares e os utilize em outros e diferentes contextos, dando o acabamento e a continuidade ao diálogo de S. Há, portanto, um ambiente favorável para o desenvolvimento do humor em S., propiciado por essas relações discursivas entre a criança e seus familiares.

Outro episódio que mostra essa relação com a microcultura é este, no qual S. (3;7) está em um almoço com a família. Ela acaba de almoçar, quando o tio lhe faz a seguinte pergunta:

- 1 *T: vamos comer mais macarrão # S. ?
- 2 *S: eu já comi .
- 3 *T: eu também ## vou comer mais .
- 4 *S: você vai ficar com (a) ba ## você vai ficar barrigudo [=! risos] .
- 5 %act: todos riem
- 6 *T: ahn # como é que é ?
- 7 *O: O [=! risos] vai ficar barrigudo [=! risos] .

Esse enunciado fez com que todos rissem, inclusive a criança, que estava rindo desde o momento em que fez o comentário para o tio. Interessante notar como a microcultura influencia nos enunciados humorísticos produzidos pela criança. O ambiente familiar de S., cujos membros são italianos ou têm ascendência italiana, costuma ser bem-humorado, com muitas brincadeiras e jogos de palavras. Ao analisar os dados de S., verifica-se que há uma convivência entre os interactantes da família, que permitem e incentivam S. na produção do enunciado humorístico (no caso, o do turno 4).

Nessa cena, a incongruência é a mesma para todos os interlocutores, que ocorre quando S. diz que o tio ficará barrigudo se comer mais. A criança parece ter tido a intenção de fazer os outros rirem, já que ao dizer o enunciado, ela também ri e fica observando atentamente a reação de seus familiares. Todos os interlocutores presentes nessa cena compartilharam o saber – quem come muito fica barrigudo. A incongruência, então, é produzida com intencionalidade, a partir de uma brincadeira com o interlocutor.

De acordo com os vídeos analisados, é possível dizer que a criança compreendeu muitas das incongruências produzidas pelos adultos com quem ela dialogava e que, a partir dessa compreensão, da incorporação de alguns deles em seu próprio discurso, a criança também adquiriu a capacidade de formular inúmeros enunciados humorísticos, em diferentes contextos discursivos, demonstrando sua intencionalidade em fazer o outro rir, muitas vezes com o objetivo de conseguir algo que deseja, para ter a atenção dos demais para si ou, ainda, escapar de uma bronca.

Como dissemos, nos exemplos acima, priorizamos aqueles que ilustravam as situações em que a criança riu com um ou mais interlocutores, gerando um humor compartilhado. Mas vale discutir os casos que, embora não tivéssemos o riso ou o sorriso explícito, talvez a criança tenha entendido e compartilhado do humor na cena. Como no caso em que S. (3;2) estava fazendo desenhos para todos os familiares que estavam presentes e mostrando-os para os mesmos. O único familiar não retratado foi o bisavô. Ao ser questionada do porquê disso, S. responde, sem rir, com o seguinte

enunciado, em tom de bronca: “o nonno não tem porque ele não tá dando risada”. A ruptura está justamente na criança dar uma bronca no adulto e por essa razão eles dão risada, mas S. não demonstra por nenhum outro elemento multimodal (sorriso, olhar, gesto) reconhecer a ruptura, nem identificamos que os interlocutores tenham interpretado enquanto tal, e, portanto, não analisamos esse exemplo como sendo do tipo compartilhado.

Além disso, há ainda duas ressalvas: a primeira, diz respeito ao fato de, em nossos dados, os tipos que apresentamos terem desencadeado o riso, mas talvez, em outros contextos, com outros interlocutores, não tivéssemos o mesmo resultado. E, segunda, um tipo que aparece como tendo desencadeado o riso na criança e em um adulto, ou na criança e em todos os adultos pode se “comportar” de forma diferente em função de uma série de fatores pragmático-discursivos que dependem dos interlocutores, do contexto etc. Por exemplo, em geral, os pais não riem quando as crianças trazem para o discurso enunciados escatológicos, mas em nossos dados, como vimos, é a mãe que traz esse enunciado e todos riem (humor compartilhado por todos).

Considerações finais

Com o objetivo de aprofundar as noções o humor no discurso infantil, refletindo sobre o funcionamento desse fenômeno discursivo, buscou-se, neste artigo, analisar os tipos de incongruências, compreendidas e produzidas por uma criança pequena (S.), que geram o humor compartilhado.

Os tipos de incongruência aqui descritos nos ajudam a compreender melhor o funcionamento do fenômeno do humor na criança. Retomando os principais tipos encontrados, verificou-se que eles ocorrem quando: há deslocamento para o mundo do imaginário; há o uso de aumentativos ou diminutivos; há uma ligação de ordem dialógica; surge por comparação (com personagens, com objetos), há uma transgressão de uma regra social; ocorre repetição de palavras ou ações; surge a partir de alguma referência a um objeto, que gera uma incompatibilidade de cenários; ou é produzida através da relação cultural e familiar da criança.

A análise dos dados mostrou, igualmente, que S. compreende as incongruências dos enunciados humorísticos, que surgem em diferentes situações de interação social da criança com seus familiares e que ela também as incorpora em seu discurso, produzindo enunciados que têm como efeito o riso no interlocutor, e que ri com as incongruências produzidas pelos interactantes. Esses resultados reafirmam a precocidade do surgimento do humor na criança, principalmente quando o ambiente é propício para que ela se sinta confortável em produzir enunciados humorísticos, como é o caso da criança observada.

O diálogo, então, mostrou-se um espaço importante para esse processo de aquisição da linguagem, bem como o aspecto dialógico, quando outros discursos ecoavam em sua voz. É nessa relação (de diálogo e do dialógico) que surgem as rupturas que podem gerar enunciados humorísticos.

Por isso, ao se analisar o humor (em especial, o infantil), é preciso levar em conta na análise dos enunciados dos sujeitos envolvidos a sua cultura (a macro e a microcultura) e o contexto discursivo no qual ocorrem as produções humorísticas. Portanto, além da incongruência, embora não tenhamos dado especial atenção a eles neste artigo, como dissemos, outros ingredientes são fundamentais para esse surgimento, como o ambiente propício ao humor e a convivência, o saber partilhado entre os interlocutores o recuo, a intencionalidade (DEL RÉ *et al.*, 2015, 2019).

Os dados nos permitiram refletir sobre os casos em que a incongruência não foi a mesma para a criança e o adulto, porque um dos interlocutores não riu da brincadeira ou não a compreendeu, já que não necessariamente a incongruência gera um humor compartilhado por todos os interlocutores; também houve cenas em que a criança disse algo que gerou uma incongruência, fazendo os interlocutores rirem, mas ela mesma não riu, por não partilhar do mesmo saber, ou por não entender o motivo de determinada frase ter causado o riso no outro. O que nos mostra a necessidade de novos estudos sobre o tema.

Da mesma forma, em vários momentos, foi possível perceber, por meio de gestos e das expressões faciais, que S. produzia incongruências e esperava o riso do outro com quem dialogava, ressaltando a importância dos elementos multimodais que, ainda, carecem de um aprofundamento.

Resta-nos, ainda, para trabalhos futuros, observar se há um tipo em especial de incongruência que aparece mais nos dados do que outro tipo, como se dá o desenvolvimento desses tipos ao longo das sessões, se nos dados de outras crianças monolíngues brasileiras teremos os mesmos tipos, ou ainda, por fim, se os mesmos tipos de incongruências surgem na linguagem de crianças falantes de outras línguas (inglês, francês, LIBRAS etc.).

Referências

- AIMARD, Paule. *Les bébés de l'humour*. Liège/Bruxelas: Pierre Mardaga, 1988.
- ATTARDO, Salvatore. *Encyclopedia of humor studies*. Vol. 1 e 2. Thousand Oaks. California: Sage publications, 2014. ATTARDO, S. A primer for the linguistics of humor. In:
- RASKIN, Victor. *The primer of The primer of humor research*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich; VOLOSHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Hucitec, 1997.

BARIAUD, Françoise. *La genèse de l'humour chez l'enfant*. Paris: Presses Universitaires de France, 1983.

BERGER, Arthur Asa. *An anatomy of humor*. London and New York: Routledge –Taylor & Francis Group, 1992.

BRUNER, Jérôme. *Le développement de l'enfant: savoir faire, savoir dire*. Paris : Presses Universitaires de France, 1991.

BRUNER, Jérôme. *Comment les enfants apprennent à parler*. Paris : Retz, 2004.

CARRAUSSE, Séverine; CARRAUSSE, Maryse. L'enfance du rire, *Humoresque*, n. 30, Paris, Maison des Sciences de l'homme, automne 2009, s/p.

DEL RÉ, Alessandra. Conivência e humor nas interações criança-adulto e criança-criança. *Afinal, já sabem para que serve a Linguística?* São Paulo: SDI/FFLCH/USP, p. 177-188, 2002.

DEL RÉ, Alessandra; MORGENSTERN, Aliyah. To laugh or not to laugh: that is the question Les premières manifestations de l'humour chez l'enfant In: *IADA 2009 - Polyphony and Intertextuality in Dialogue*. Barcelona: University of Münster, v.2. p. 41 – 54, 2010.

DEL RÉ, Alessandra. *A criança e a magia da linguagem: um estudo sobre o discurso humorístico*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

DEL RÉ, Alessandra; PAULA, Luciane de; MENDONÇA, Marina. (eds.). *A linguagem da criança: um olhar bakhtiniano*. São Paulo: Contexto, 2014a.

DEL RÉ, Alessandra, PAULA, Luciane de; MENDONÇA, Marina (eds.). *Explorando o discurso da criança*. São Paulo: Contexto, 2014b.

DEL RÉ, Alessandra; MORGENSTERN, Aliyah; DODANE, Christelle; QUIMELLO, Heitor. Diversão partilhada, humor e ironia: um estudo sobre a produção de enunciados por uma criança brasileira. In: DEL RÉ, Alessandra; PAULA, Luciane de; MENDONÇA, Marina (ed.). *Explorando o discurso da criança*. São Paulo: Contexto, 2014a.

DEL RÉ, Alessandra; DODANE, Christelle; MORGENSTERN, Aliyah. De l'amusement partagé à la production de l'humour chez l'enfant. In: FARHAT, Mokhtar; LACOSTE, Francis. *L'humour dans le bassin méditerranéen: contacts linguistiques et culturels*. Gafsa, Tunisia: Nouha éditions, 2015. p.115 – 139..

DEL RÉ, Alessandra, HILÁRIO, Rosângela Nogarini; RODRIGUES, Rubens Antônio. O corpus NALingua e as tecnologias de apoio: a constituição de um banco de dados de fala de crianças no Brasil. *Artefactum*, Rio de Janeiro, v.13, p.1 - 16, 2016.

DEL RE, A DEL RE, A.; DE SANTIS, A. B.. Algumas reflexões sobre a constituição do discurso humorístico infantil: o caso de uma criança bilingue franco-brasileira. In: BARBOSA, Marinalva; MORAIS, Carlos Francisco de; VIDAL, Maria Eunice Barbosa (Org.). *Teorias de Linguagens: pesquisa e ensino*. Campinas: Mercado de Letras, 2017. p. 109-128.

DEL RE, Alessandra; DODANE, Christelle; MORGENSTERN, Aliyah. Enunciados humorísticos infantis em foco: Implicações pragmáticas, cognitivas e sociais. *Linguística*, Montevideo, v. 35, n. 2, p. 235-254, dez. 2019. Disponível em: <http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2079-312X2019000200235&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 05 dez. 2020. Epub 01-Dic-2019. <http://dx.doi.org/10.5935/2079-312x.20190026>.

FEUERHAHN, Nelly. *Le comique et l'enfance*. Paris: PUF, 1993.

FIGUEIRA, Rosa Attié. Dados anedóticos: quando a fala da criança provoca o riso... humor e aquisição da linguagem. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, v. 6, p. 27-61, 2001.

FREUD, Sigmund. Os chistes e sua relação com o inconsciente. v. VIII. Tradução Jayme Salomão. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969 [1905].

FRANÇOIS, Frédéric. *Morale et mise en mots*. Paris: L'harmattan, 1994.

GARITTE, Catherine. La scatologie qui fait rire des enfants. Rires scatologiques. *Humoresque*, Paris, n. 22, jun. 2005.

GOUVEA, Caroline Prado. *A compreensão da incongruência por uma criança pequena: dados de humor*. Relatório de Iniciação Científica: relatório entregue ao CNPq. Universidade Estadual Paulista, UNESP, campus Araraquara, 2019.

GOUVEA, Caroline Prado. *A produção da incongruência por uma criança pequena: dados de humor na infância*. Relatório de Iniciação Científica: relatório entregue ao CNPq. Universidade Estadual Paulista, UNESP, campus Araraquara, 2020.

HILÁRIO, Rosângela Nogarini et al. O CHAT e o CLAN como ferramentas metodológicas nos trabalhos em aquisição da linguagem. In: DEL RÉ, Alessandra; ROMERO, Márcia. *Na língua do outro: estudos interdisciplinares em aquisição de linguagens*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 229 – 247.

KINTSCH, Walter; VAN DIJK, Teun Adrianus. Toward a model of text comprehension and production. *Psychological review*, v. 85, n. 5, p. 363, 1978.

MACWHINNEY, Brian. *The CHILDES project: Tools for analyzing talk: Transcription format and programs*. 3a. edição. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2000.

MCROCZINSK, Anna Carolina; DEL RÉ, Alessandra; VIEIRA, Alessandra Jacqueline. Humor in children's discourse: a case study of a bilingual child (Brazilian Portuguese and German). *Bulletin of the Transilvania University of Braşov*, Series IV: Philology & Cultural Studies, dez. 2019, p. 61-82.

MIREAULT, Gina; REDDY, Vasudevi. *Humor in Infants: Developmental and Psychological Perspectives*. Springer International Publishing, 2016.

MORREALL, John. A new theory of laughter. *Philosophical Studies: An International Journal for Philosophy in the Analytic Tradition*, v. 42, n. 2, p. 243-254, 1982.

SALAZAR-ORVIG, Anne. *Les mouvements du discours: style, référence et dialogue dans des entretiens cliniques*. Paris: Harmattan, 1999.

SALAZAR-ORVIG, Anne. Eléments pour l'analyse de la connivence dans le dialogue. In: BONDI, Marina; STATI, Sorin. (Orgs.). *Dialogue Analysis 2000, Selected papers from the 10th IADA Anniversary Conference, Bologna 2000*. Tübingen: Niemeyer, 2003, p.339-350.

VIEIRA, Alessandra Jacqueline; DEL RÉ, Alessandra. Argumentação, humor e incongruência na linguagem da criança. *Revista Estudos Linguísticos*, v. 48, n. 2, p. 1133-1149, jul. 2019.

VYGOTSKY, Lev. *A formação social da mente*. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, Lev. S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 4ª. ed, 2008.